

# O RELATO DE VIAGEM – NARRADORES, ENTRE A MEMORIA, O FICTICIO E O IMAGINARIO

Maria Elizabeth Chaves de Mello

Recebido 11, abr. 2010 / Aprovado 30, abr. 2010

## Resumo:

*Nosso trabalho propõe reflexões sobre a literatura de viagem de alguns franceses que, tendo vindo ao Brasil a partir do Renascimento, mas especialmente na segunda metade do século XVIII e na primeira do XIX, apresentam, em seus relatos, diferentes maneiras de ver o povo, a natureza, os costumes do país visitado, deixando, em seus diários, testemunhos que nos permitem estudar a relação França/Brasil desde o Renascimento, assim como os movimentos de independência do país que, um dia, foi chamado de «France Antarctique». La Condamine e Francis de Castelnau são alguns desses viajantes responsáveis por elementos importantes no estudo do cruzamento de olhares entre os dois países, que nos parece fundamental para uma melhor compreensão das relações entre os dois povos.*

**Palavras-chave:** *Literatura de viagem. Cruzamentos de olhares França/ Brasil.*

*Qu'il me soit permis de le dire, il n'y a point d'état plus immoral que celui de voyageur*

Diderot

Escrever sobre narratividade é um grande desafio. Quando falamos em narrativa, supõe-se que se saiba o que é “narrar”. A mão é importante na narrativa. Não seria a relação entre o narrador e sua matéria uma relação artesanal? Segundo Walter Benjamin, o narrador sabe dar conselhos que servem para muitos casos, pois dispõe da experiência (cf. Benjamin, 1994, p. 210). Seu dom é poder contar alguma coisa e contá-la por inteiro. Por outro lado, a memória é a mais épica de todas as faculdades.

Mas, se estivermos nos referindo ao relato de viagem, a situação se complica, pois, além da memória, surge a questão do ficcional, do imaginário e do fictício. É preciso, então, estabelecer algumas considerações. Numa narrativa, é necessária uma organização temporal, uma ordem na desordem do diverso, irregular e acidental. Essa ordem seria concomitante ao ato de escrever. No entanto, ao fazermos um texto sobre a narratividade de relatos de viajantes franceses no Brasil, isso não seria, também, nos inserirmos na narratividade? Aliás, como um texto em prosa, crítico ou literário, se relaciona com a narrativa? Estará sempre ligado a ela, de uma maneira ou de outra? Monsieur Jourdain, personagem de Molière na peça *Le bourgeois gentilhomme*, descobre, a um dado momento, que fala em prosa, sem ter disso consciência. Não estaríamos nós, ao escrevermos um texto sobre viajantes franceses no Brasil, adotando a mesma atitude do personagem, usando a narrativa sem o saber?

O termo “literatura de viagem” suscita ambiguidade, dando ao relato um status de gênero, que merece ser problematizado. O escritor viajante é, antes de tudo, *um jornalista em missão*, afirma François Moureau (cf. 2005, p. 12). Por outro lado, é a viagem que faz o escritor. Mas não basta ser um escritor e viajar, para sentir a necessidade de passar da situação de espectador para a de narrador. Na verdade, a literatura de viagem parece não interessar muito, nem ao ficcionista, nem à narrativa memorialista. Enquanto escritor, Rousseau, por exemplo, não nos conta grande coisa de suas viagens. Em compensação, o memorialista das *Confessions* pinta com exagero o que vê e se apresenta como herói em contextos e cenários que o valorizam.

O que dizer, então, sobre a narrativa de viagens? Ela surge junto com a imprensa e trata, inicialmente, da única coisa que valia a pena ser narrada, aos olhos renascentistas, pós-medievais: as peregrinações, as cruzadas, as viagens à Terra Santa. Marco Polo, mais ou menos na mesma época, impregna os seus relatos de fictício e imaginário, seduzindo os europeus para as viagens a novas terras e o encontro com novos povos. Há quem diga que ele nem sequer esteve na China, o que torna mais interessante,

ainda, a sua narrativa, pois a liberta da memória, passando a figurá-la nos domínios do fictício e imaginário. A partir dos Descobrimentos, os jesuítas foram os primeiros a divulgarem os relatos de suas missões, *ad majorem Dei gloriam*. O velho mundo é sacudido nas suas certezas, surge a *Utopia* de Thomas Morus, em 1516, dando conta das mudanças que ocorriam na concepção dos europeus, diante da descoberta do outro. Durante séculos, o relato de viagem estará ligado à ficção utópica...

São franceses os dois primeiros autores a escreverem, no século XVI, sobre o Brasil: André Thevet e Jean de Léry. A baía de Guanabara, berço do sonho de Villegagnon, torna-se, segundo os relatos dos dois viajantes, cenário de guerras de religião, importadas da Europa, e de lutas sangrentas com os índios canibais. Segundo Maria Helena Rouanet, há três aspectos fundamentais nos escritos desses viajantes: ver, descrição completa e pormenorizada de tudo o que se viu e publicação, visando preservar a memória (cf. Rouanet, 1991, p.82). Esses três aspectos serão fundamentais na literatura de viagem sobre o Brasil, na França, sendo responsáveis pela ambiguidade do olhar francês sobre o país, que ora vê a natureza e o povo nativo com um sinal positivo, ora com pessimismo e pavor.

Em 1558, André Thevet publica *Les singularitez de la France Antarctique* - as primeiras impressões sobre a tentativa francesa de colonização do Brasil. Padre católico, Thevet acusa os protestantes do fracasso da empreitada. Anos mais tarde, para responder ao autor, o protestante Jean de Léry escreve *l'Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dit Amérique*, uma das obras primas da literatura de viagem francesa no século XVI. Nela, Léry narra a sua viagem de cerca de um ano na França Antártica, na Baía de Guanabara, cujos habitantes, os tupinambás, são descritos, nos seus costumes e modos de vida. *A Histoire d'un voyage* só é publicada vinte anos após o retorno do seu autor à França, tempo mais do que suficiente para os franceses terem sido obrigados a deixar o Brasil, e para as guerras de religião explodirem em toda parte, na Europa. A apresentação que Léry faz dos índios interessa, entre outros elementos, pela questão da narrativa, pois ele apresenta, logo no início, a necessidade de por ordem na desordem da memória. Afinal, o texto é publicado vinte anos depois do seu retorno à França:

Em primeiro lugar, portanto (para que, começando pelo principal, eu possa continuar na ordem), os selvagens da América, habitantes da terra do Brasil, chamados de Tupinambás, com os quais vivi e frequentei familiarmente durante cerca de um ano, não sendo nem maiores, nem mais gordos, nem menores do que somos na Europa, também não têm o corpo mais monstruoso, nem prodigioso, em relação a nós: mas são mais fortes, robustos e repletos, mais bem dispostos, menos sujeitos à doença: quase não há mancos, cegos, deficientes,

ou prejudicados, entre eles. Muitos chegam até a idade de cem ou oitenta anos (pois sabem muito bem guardar e contar sua idade pela lua), sendo poucos os que, na velhice, têm os cabelos brancos ou grisalhos. Esses fatos provam, não apenas o bom ar e boa temperatura de seu país, o qual, como já afirmei, aliás, não possui geleiras nem grandes frios, mas bosques, ervas e campos sempre verdejantes; mas também (como todos bebem, realmente, na fonte de Juvêncio) provam o pouco cuidado e preocupação que eles têm com as coisas deste mundo. (Léry, 1994 : 210-211)

Lendo esses textos, podemos afirmar que, no século XVI, os projetos de França Equinocial e França Antártica, a fascinação pelo pau-brasil e pelos costumes indígenas, fazem do Brasil o «avesso da Europa». O Brasil é e tem tudo o que a Europa não é, ou tudo o que ela não tem. Diante dos índios brasileiros levados a Rouen e exibidos na corte como selvagens e exóticos, Montaigne se inspira e escreve uma das páginas mais importantes sobre o homem natural, o ensaio *Os canibais*, em que ele questiona o epíteto de «selvagens», dado a esses índios, e afirma sua superioridade sobre o europeu, dito «civilizado». Estavam lançadas as bases das teorias sobre a bondade natural do homem, o *bon sauvage*.

Após o fracasso da colonização no Brasil, durante muito tempo, a França voltará o seu olhar sobre o hemisfério norte. É o tempo dos aventureiros na América do Norte, da colonização na América Central e na África. O Brasil é constantemente saqueado por piratas franceses e ingleses, mas só retomará um lugar no imaginário francês durante o século das luzes.

De fato, no final do século XVIII, a Europa tornara-se maníaca pelas viagens, pelo encontro com o outro, alargando a cada dia o seu objeto de interesse, estudo e reflexão. Ora, entre essas novas possibilidades que se ofereciam ao Velho Mundo, a América era um dos lugares preferidos para a difusão das luzes, o lugar de teste e prática das doutrinas sobre o homem primitivo e a sociedade civilizada. Assim, a França lança-se às missões científicas, que, sob pretexto de explorações do solo, do clima, da latitude e longitude, do estudo dos povos, da fauna e da flora, vão muito mais longe, no sentido de buscarem garantir a irradiação das idéias do Iluminismo. Cumpre lembrar que esses cientistas viajavam todos, ou quase todos, em missão do governo, com o compromisso de publicarem os seus relatos, de retorno à metrópole. Estes textos, escritos na volta à França, reforçavam a utopia do homem natural, representado pelo indígena. Mas o mito do *bon sauvage* é ambíguo, servindo tanto a religiosos quanto a ateus: aos primeiros, como base de crítica à moral da civilização do século XVIII, apresentando-lhe o selvagem como isento de todos os vícios e defeitos dessa sociedade; por sua vez, os cientistas livres pensadores,

não religiosos, servem-se também dos índios para provarem a superioridade do homem natural, baseada no instinto e na razão. Acrescente-se a isso um outro elemento, pois alguns viajantes falam de seres repulsivos, antropófagos e ferozes e teremos o selvagem ora bom, ora mau, dando respaldo a agnósticos e religiosos, e o Brasil torna-se, ao mesmo tempo, um paraíso natural a ser preservado e um mundo primitivo que deve ser 'civilizado'.

Por outro lado, nessa época, um certo subjetivismo literário, se podemos chamá-lo assim, começa a tomar o lugar do academicismo clássico, na Europa, dando origem a gêneros como o diário íntimo, ou as memórias. Embora esses gêneros já sejam frequentes na literatura ocidental há muito mais tempo, é no final dos setecentos que eles passarão a ser impregnados do "eu", associando memória, fictício e imaginário, como nunca antes. A narrativa de viagens apodera-se do ritmo e da técnica do episódio e do relato histórico, assegurando a cor local, através de um olhar testemunha, subjetivo. Surge, então, a categoria do escritor viajante, com uma dupla função: ser um olhar que escreve e, ao mesmo tempo, um escritor, longe da sua mesa de trabalho, e em permanente ação. Para esse autor, a escrita está diretamente vinculada ao olhar. Ele se distingue de outra categoria, surgida, também, na mesma época: o turista, que viaja por prazer e não escreve, ou escreve apenas cartões e/ou cartas curtas, quase sempre apoiado por um "manual" de viagem, texto anônimo e impessoal, que lhe fornece pronto o roteiro dos prazeres que busca.

Ora, o viajante de que falamos aqui não viaja por prazer. Ao contrário, sua viagem deve ser útil, justificada, bem no espírito do Iluminismo. Se os primeiros viajantes a escreverem textos sobre o Brasil eram franceses, religiosos (Thevet, católico; Léry, protestante), narrando a cena da tentativa de colonização francesa do país segundo o ponto de vista de suas respectivas crenças, será também um outro francês, Charles-Marie de la Condamine, cientista e escritor, que reintroduzirá o Brasil na cena da literatura mítica, quando a região havia caído no esquecimento, após o fracasso da tentativa de Villegagnon. Em abril de 1735, La Condamine é encarregado, pela *Académie des Sciences*, de organizar uma expedição ao Peru, para medir o comprimento de um arco de meridiano perto do equador. Ele desce o Amazonas (é o primeiro cientista a fazê-lo) e chega até Caiena. Em relação à ciência, essa viagem é importante, pois permite a primeira descrição do quinino, assim como a descoberta da borracha e do curare. Na sua volta a Paris, em 1745, La Condamine leva mais de duzentos objetos de história natural. Esse viajante nos fornece, no seu relato - *Relation abrégée d'un voyage à l'intérieur de l'Amérique Méridionale. Depuis la côte de la mer du Sud, jusqu'aux côtes du Brésil et de la Guiane, en descendant la rivière des Amazones*, lue à l'assemblée publique de l'Académie des

*sciences, le 28 avril* - muitos elementos de reflexão, ao falar dos índios amazonenses:

Creio ter reconhecido em todos uma mesma característica, cuja base seria a insensibilidade. Deixo em aberto se devemos honrá-la com o nome de apatia, ou aviltá-la, com o de estupidez. Provavelmente, ela nasce do número reduzido de suas ideias, que não vão muito além de suas necessidades. Glutões até a voracidade, quando têm com o que se satisfazer; sóbrios, quando a necessidade a isso os obriga, chegando até a ficarem sem nada, parecendo nada desejarem; pusilânimes e poltrões em excesso, se não forem tomados pela bebedeira; inimigos do trabalho, indiferentes a qualquer motivo de glória, de honra ou de reconhecimento, ocupados apenas com o objeto presente, e sempre por ele determinados; sem preocupação com o futuro; incapazes de previsão e de reflexão sobre qualquer coisa; quando nada os perturba, entregam-se a uma alegria pueril, manifestada por saltos e gargalhadas imoderadas, sem sentido e sem objetivo; passam a vida sem pensar e envelhecem sem sair da infância, da qual conservam todos os defeitos (La Condamine, 1745, pp. 52-53).

Esse encontro com os índios, que ele descreve como apáticos e estúpidos, sem vontade, pusilânimes e covardes, nos remete às idéias de Montesquieu sobre o efeito do clima nos habitantes das regiões quentes. Autêntico leitor e herdeiro da teoria dos climas do *philosophe*, La Condamine interessa-se pela questão dos escravos, pela mistura das raças, pelos costumes nas cidades e povoados onde pernoita, sempre com um olhar minado pelo preconceito, pelas leituras prévias que fizera, fornecendo material rico para estudar aquele momento no Brasil, mas, também, e principalmente, para refletirmos sobre o olhar estrangeiro, herdado do pensamento iluminista francês, sobre a nação que se formava. Esta passagem nos fornece muito material de discussão, já que se trata de um olhar negativo, diferente do *bon sauvage*, a que a literatura de viagens nos acostumara, desde o texto citado de Jean de Léry. Trata-se aqui do selvagem, habitante de clima quente, com as características que Montesquieu descrevia, para esses homens: a moleza, a malandragem, a pouca aptidão para o trabalho serão o seu traço mais forte.

Com a citação acima, torna-se clara a confirmação da hipótese inicial, ou seja, da ambiguidade do olhar europeu sobre as terras americanas, ora vistas como um lugar paradisíaco, ora como o lugar da indolência e da crueldade, ora como o lugar ideal para a difusão das luzes (tema presente em todos esses autores viajantes).

No entanto, poucas páginas antes, no seu relato, La Condamine trata de um Brasil do rio e da floresta, da Amazônia, onde o viajante procura, sem encontrá-las, as mulheres guerreiras da mitologia. A narrativa interessa-se pouco pela população, debruçando-se mais sobre a mineralogia, a fauna e a flora, num relato

pretensamente científico, fonte eventual de lucros coloniais. O homem entra como parte do cenário majestoso e é o último, na ordem de elementos descobertos:

Um novo mundo, afastado de todo comércio humano, num mar de água doce, no meio de um labirinto de lagos, rios e canais que penetram, em todos os sentidos, numa floresta imensa que só se alcança através das águas. Eu descobria novas plantas, novos animais, novos homens (idem, p. 47).

Aqui vemos um pequeno exemplo do que chamáramos de “avesso da Europa”, na descrição de uma natureza paradisíaca, grandiosa e inacessível, afastada da civilização, diferente da europeia, um lugar do novo e do desconhecido, onde vive o novo homem, representante desse novo mundo.

Nessa mesma época, é escrita a *Histoire philosophique et politique des Etablissements et du Commerce des Européens dans les deux Indes*, do abbé Raynal. Esta obra, publicada em 1770 e, posteriormente, modificada por Diderot, é considerada o primeiro clássico francês anticolonialista. Trata dos efeitos negativos dos descobrimentos sobre as civilizações nativas, com muita desconfiança em relação às narrativas de viagem. Raynal descreve os índios brasileiros de antes das descobertas, como um povo de ateus felizes, hospitaleiros, sociáveis. Percebe-se, aí, já um conflito interessante entre o código da natureza e a civilização europeia, de tanta importância para o estudo de autores como Rousseau e o próprio Diderot, no *Supplément au Voyage de Bougainville*. O livro, nos seus trinta primeiros capítulos, narra a maneira pela qual Portugal impôs modelos imperialistas, adaptados e adotados, posteriormente, por outras nações europeias. Além do mais, descreve a ascensão e decadência de um povo (o português), esta última devida, principalmente, à política econômica fundada na busca do ouro, com o conseqüente abandono da agricultura e da indústria. A obra narra, também, a luta dos portugueses contra as outras nações predatórias do Brasil (França e Holanda) e mostra os indígenas brasileiros muito próximos dos habitantes do Tahiti, descritos por Bougainville e idealizados por Diderot: *bons sauvages*, mais próximos da natureza do que da civilização europeia corrompida, generosos, sem religião (ou adeptos de uma religião da natureza), praticantes da poligamia, enfim, livres e puros. A obra foi censurada em Portugal e na Espanha e proibida pela Inquisição, mesmo na França. Mas há estudos que provam que *l'Histoire des deux Indes* teve repercussões no Brasil, tanto na Revolta dos Alfaiates, na Bahia, quanto na Conjuração Mineira, ambas de 1789.

Fica evidente, no que estamos vendo até agora, essa oscilação, ou tensão, entre imagem positiva e negativa do homem americano, no olhar francês. Ambiguidade e/ou paradoxo que persiste no século XIX, como se pode constatar nos textos de

Francis de Castelnau, outro cientista naturalista que percorreu o Brasil e o Peru, de 1843 a 1847, voltando, posteriormente, como cônsul na Bahia. A narrativa de sua viagem contém seis volumes – *Expédition dans les parties centrales de l’Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para, exécutée par ordre du gouvernement français pendant les années 1843 à 1847, sous la direction de Francis de Castelnau*. O relato percorre grande parte do Brasil, discorrendo sobre a população, seus hábitos e costumes, assim como sobre os índios e os escravos, a condição da mulher, a cidade e o campo, a mata, os animais, as relações do Brasil com a Europa naquele momento, o imperador, a aristocracia urbana e rural etc. Dada a vastidão de assuntos tratados, bem como a extensão do texto, assim como o pouco conhecimento desse autor pelo público brasileiro, a leitura dessa obra traz contribuições imensas para os estudos literários, históricos, sociológicos e antropológicos. O entusiasmo e interesse de Castelnau pela América do Sul é evidenciado em muitos dos seus textos, tais como este:

Poucos lugares se apresentam à imaginação com tanto prestígio quanto a América do Sul; enquanto a parte setentrional desse continente perde cada dia mais o seu caráter primitivo, substituindo-o pelas maravilhas da indústria moderna, a parte Sul, ao contrário, conserva ainda hoje o selo da natureza virgem: aí, nada de estradas de ferro, nem de canais, nem, na maioria das vezes, estrada nenhuma; mas, em toda parte, admiráveis florestas virgens, rios cujas extensões não têm limites, montanhas cujos picos gelados se perdem acima das nuvens, nações selvagens, que desconhecem até o nome da Europa. (CASTELNAU, 1850, vol. I, p.42)

Estamos diante da presença da natureza virgem, propícia a desencadear o imaginário do viajante... Mas também se pode observar a ambiguidade do discurso sobre o homem americano do sul, ao mesmo tempo apresentado como selvagem, ignorando a civilização europeia, e, por outro lado, mantendo-se mais próximo da natureza, ao recusar imitar o modelo industrial europeu.

Castelnau, embora vivesse em meados do século XIX, era ainda um homem do Iluminismo francês, leitor de Rousseau e Montesquieu, o que se evidencia por esse paradoxo nos seus textos sobre o brasileiro. A América do Sul, especialmente o Brasil, seria mais interessante do que a América do Norte, principalmente porque está mais próxima da natureza, prestando-se mais a ser um laboratório de provas sobre as questões da natureza X cultura, do *bon sauvage*, e, por isso mesmo, oferecendo mais condições ao trabalho do imaginário. Embora guardando ainda traços dos *philosophes*, homem do seu século, Castelnau se encanta com a paisagem e oferece muito material de reflexão teórica sobre o romantismo, nos inúmeros momentos em que pretende descrever a natureza deslumbrante que percebe:

...no momento em que eu passava pelo lugar em que uma parte da baía do Rio de Janeiro penetra num estreito canal entre picos de montanhas, recebendo o nome de Saco de Jurujuba, vi-me, de repente, diante de um espetáculo tão admirável, que qualquer outro objeto logo se apagou de minha imaginação, e meus olhos ficaram fascinados, sem que eu pudesse desviá-los, pelo quadro mágico que tinha diante de mim. Como o tempo se cobrira totalmente, após o por do sol, uma ligeira bruma escondia os contornos das montanhas; a superfície cinza e mate das águas, que corriam aos meus pés, era tão equilibrada, as grandes formas esbranquiçadas e cortadas dos rochedos, que saíam de seu seio, se destacavam tanto, como claridade no fundo escuro do céu, que quase me senti transportado entre os gelos do polo, não fosse o barulho, de vez em quando, do caule suculento de alguma planta tropical, esmagada pelos dentes de meu despreocupado cavalo. (idem, p. 47)

O narrador, em contato com a natureza, perde o domínio da razão e chega a ter alucinações, pensando estar diante dos gelos dos polos...Por outro lado, confessa não encontrar palavras para a sua narrativa e lamenta não ser um grande pintor para dar conta do que vê. Seus relatos se prestam a muitas discussões, entre as quais a da impossibilidade da linguagem escrita de reproduzir os sentimentos e as ideias.

Se tivermos a sorte de escolhermos um dia bom para fazer a subida, somos pagos da fadiga pelo soberbo panorama que se descortina do alto do cume a que acabo de me referir; deste posto elevado os contornos da baía são perfeitamente visíveis, assim como a configuração das numerosas ilhas que emergem de sua superfície e a vasta cidade que fica de permeio. De outro lado, a serra da Tijuca, com os seus picos extravagantes, a Gávea, o Bico-de-Papagaio; depois, como que em baixo de nós, ali onde a montanha se torna quase vertical e apresenta um precipício de várias centenas de metros de profundidade, o Jardim Botânico, as restingas de Copacabana, com suas lagoas de água salobra, o mar. Acompanhando a costa pelo lado esquerdo, a vista é por um instante atraída pelo Pão de Açúcar, que limita de um lado a entrada da baía e cujas fortificações se vêem, finalmente, por cima destas últimas, nos longes do horizonte; divisam-se nitidamente as restingas de Taipu e de Maricá, cujas riquezas vegetais são muito enaltecidas. Algumas das vistas que se desfrutam na primeira metade do caminho, tão deliciosas quão variadas, são, no mais alto grau, dignas do pincel de um artista; mais de uma vez lamentei, durante o passeio, a minha insuficiência nesta arte, que me faria mais tarde rever todas aquelas belas cenas da natureza. (pp. 34-35)

E, efetivamente, o autor desenha o que vê, como o provam as inúmeras ilustrações e gravuras na sua obra, na esperança de que a narratividade do desenho transmita o que ele não consegue com a linguagem verbal. Muito haveria a dizer sobre estas passagens do texto, mas gostaríamos de enfatizar o seu caráter

romântico, em que o autor se mostra consciente do trabalho do imaginário diante do real, chegando até a ter alucinações sobre os gelos dos polos, a partir de uma paisagem da natureza tropical. Essa relação entre realidade e ficção atravessa todo o texto de Castelnau, sempre numa linguagem muito bem cuidada, que nos leva a concluir sobre a literariedade do texto, mesmo se admitirmos que o gênero narrativa de viagens não é muito prestigiado enquanto literatura. Além disso, nesses relatos, encontramos muitas informações sobre os costumes e a vida cotidiana no Brasil, tanto na cidade, quanto no campo. Trata-se de verdadeiras crônicas dessa época sobre o país. Castelnau é muito consciente das funções do imaginário, da memória e do esquecimento nos seus textos, ao contrário da maioria dos autores viajantes, que, normalmente, recusam o caráter ficcional de suas narrativas, que eles consideram como meros « documentos ». O autor está na contra mão do seu tempo, legando-nos um texto bem curioso e rico de elementos que podem interessar aos pesquisadores de teoria da literatura, de história e de literatura comparada.

Ao ler esses viajantes, resta-nos constatar o que já vinha sendo anunciado desde o início do texto: que o Brasil é, desde o Renascimento, um mito ambíguo para os franceses, ponto de partida de crítica à moral da civilização europeia, pelo fato de oferecer o espetáculo da superioridade do homem natural. Mito de um mundo novo, que deve ser preservado, mas, ao mesmo tempo, um mundo primitivo, que precisa ser civilizado...

Essas constatações nos permitem estudar o papel e a função que esses viajantes escritores tiveram na formação do olhar europeu sobre o Brasil. Além de farto material para reflexão sobre o conceito de nação que aqui se elaborava, com a ajuda desse imaginário estrangeiro, cumpre reafirmar que a grande maioria dos viajantes da modernidade negava a literariedade de suas narrativas, por serem cientistas, *savants*, que olhavam as literaturas e as artes com desprezo. Assim, a discussão sobre o fictício e o imaginário, a partir desses textos, bem como o papel das narrativas de viagem na formação da literatura brasileira e do conceito de Brasil visto pelos brasileiros, podem ser o ponto de partida para novos aprofundamentos nos estudos sobre o Iluminismo e o Romantismo, no cotejo desses relatos com a literatura desses dois movimentos, tanto na França, quanto no Brasil. E onde há sempre lugar para o imaginário...

#### **Abstract:**

*Our study attempts at reflections on the travel literature of some French writers who having travelled to Brazil since the Renaissance, but specially on the second half of 18th century and the first half of 19th century, present in their personal*

reports different ways of viewing the people, the nature and the habits of the visited country; thus they offer in their diaries the written data, which allows us to study a crossing of paths of France and Brazil from the Renaissance onwards and also the independence movements of the country once called «France Antarctique». La Condamine and Francis de Castelnau are some of the travellers responsible for important aspects in the study of a catching of eyes between the two countries. It seems of utmost importance so as to reach a better understanding of the relationship between the two peoples.

**Keywords:** Travel literature. A catching of eyes between France and Brazil

## Referências

ARAGO, Jacques Etienne Victor. *Promenade autour du monde pendant les années 1817, 18,18,20, sur les corvettes du Roi d'Uranie et la Physicienne commandées par M. Freycinet*. Paris: Leblanc, 1822, 2 vv.

.BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOUGAINVILLE, Louis-Antoine. *Voyage autour du monde*, Paris: La Découverte, 2007.

CASTELNAU, Francis de . *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para- exécutée par ordre du gouvernement français, pendant les années 1843 à 1847, sous la direction de Francis de Castelnau*. Paris: Chez P. Bertrand, Libraire-Editeur, 1850. 6 vv.

CHARTIER, Roger . *Ecouter les morts avec les yeux*. Paris: Collège de France, Fayard, 2008.

\_\_\_\_\_. *La «Nouvelle Histoire Culturelle» existe-t-elle?*, Ostifildern: Jan Thorbecke Verlag, 2006.

DAHER, Andrea. *O Brasil francês. As singularidades da França Equinocial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DIDEROT, Denis. *Supplément au voyage de Bougainville*. Paris : Flammarion, 1972.

DUCHET, Michèle. *Diderot et l'Histoire des deux Indes ou l'écriture Fragmentaire*, Paris: A.G.Nizet, 1978.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Relation abrégée d'un voyage à l'intérieur de l'Amérique Méridionale. Depuis la côte de la mer du Sud, jusqu'aux côtes du Brésil et de la Guiane, en descendant la rivière*

*des Amazones, lue à l'assemblée publique de l'Académie des sciences, le 28 avril 1745 (1745). Paris: vve. Pissot, Quai de Conti, à la Croix d'Or, 1745.*

LERY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, Paris: Librairie Générale Française, 1994.

LESTRINGANT, Frank. *Le Brésil de Montaigne – Le Nouveau Monde des Essais*, Paris: Chandeigne, 2005.

MOUREAU, François. *Le théâtre des voyages*, Paris: PUPS, 2002005.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido*. São Paulo: Siciliano, 1991.